



FEMINISMO NEGRO: NOTAS SOBRE O DEBATE NORTE-AMERICANO E BRASILEIRO

Lícia Maria de Lima Barbosa¹

Este texto apresenta o debate sobre feminismo negro no contexto norte-americano e brasileiro. As concepções teóricas do feminismo negro, nos EUA, são apresentadas através de autoras como, bell hooks e Patricia Hill Collins, evidenciando: a intersecção das categorias de raça e gênero como um aspecto que marca a diferença nas experiências de mulheres; a crítica ao feminismo enquanto teoria e prática, sobretudo a dificuldade em reconhecer a diversidade interna ao movimento, em particular a questão racial, dimensões que também são evidenciadas pelas feministas negras brasileiras. No contexto brasileiro, uma das principais contribuições à temática localiza-se na produção intelectual de Lélia Gonzalez, cujo pensamento este texto evidencia com maior ênfase, sem esquecer da importância de outras feministas negras, como Luíza Bairros, Sueli Carneiro, Matilde Ribeiro, Edna Roland, Fátima Oliveira, Jurema Werneck e tantas outras que tem construído a história do feminismo negro no Brasil. As críticas feitas pelas feministas negras brasileiras ao feminismo branco gerou uma relação tensa e árida entre essas vertentes durante algum tempo, embora, contemporaneamente tem surgido novas perspectivas, possibilidades de diálogos, parcerias e mesmo ações conjuntas.

As feministas norte-americanas foram pioneiras na incorporação do tema das diferenças em suas abordagens, ocupando-se em discutir a presença do racismo, bem como o entrecruzamento entre gênero, raça e classe como elemento representativo das diferenças nas experiências das mulheres. (SILVA e BARBOSA, 2008).

Desde o século XIX, mulheres negras norte-americanas como Sojourner Truth, Maria W. Stewart, Anna Julia Cooper e Ida B. Wells-Barnett² tiveram papel fundamental no desenvolvimento de uma crítica feminista negra, revelando as experiências da mulher negra na sociedade escravocrata e nas épocas pós-escravidão. A partir dos anos 1970, e com maior ênfase nas décadas de 80 e 90 até então, a produção de teoria feminista por mulheres negras como Angela Davis, bell

¹ Professora assistente da Universidade do Estado da Bahia e doutoranda no Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos - POSAFRO da Universidade Federal da Bahia. E-mail: pedrobeninho@yahoo.com.br.

² Para uma discussão do feminismo negro nos EUA neste período ver GUY-SHEFTALL, Beverly (org.). **Words of Fire: An Anthology of African-American Feminist Thought**. New York: The New Press, 1995.



hooks, Audre Lorde e Patricia Hill Collins contribuiu para aprofundar a análise e a compreensão da marginalização social, econômica e política das mulheres negras nos EUA. (CALDWELL, 2010)

Angela Davis, em *Women, Race & Class* (New York: Vintage Books); bell hooks, em *Ain't I a Woman: black women and feminism* (Boston: South End Press) ambos publicados em (1981), criticam as raízes individualistas do feminismo, defendendo uma perspectiva feminista que não seja informada pela ideologia liberal individualista, o feminismo negro. Analisando de forma bem ampla as produções das feministas negras norte-americanas, citadas anteriormente, nota-se muitos aspectos convergentes. Por exemplo, um dos elementos importantes da produção de bell hooks é enfatizar a relação entre produção intelectual e experiência pessoal. A autora, que utiliza-se do recurso de falar de si mesma como uma forma de ativismo, para aproximar da realidade de outras mulheres negras, trata de temas como a relação das mulheres negras com a academia, sexismo, racismo, teoria feminista, dentre outros.

De acordo com hooks, mulheres negras e brancas compartilham a luta contra o sexismo. O pessoal não se sobrepõe ao político, como muitos interpretam a máxima “o pessoal é político”, mas o pessoal é ponto de partida para conectar politização e transformação da consciência, isto é ler criticamente a experiência de opressão das mulheres. Dessa perspectiva, o feminismo passa a ser entendido como: *a lente através da qual diferentes experiências das mulheres podem ser analisadas criticamente, no sentido de reinventar as relações sociais entre homens e mulheres fora dos padrões que estabelecem a inferioridade de um em relação ao outro.* (BAIRROS, 1995)

Ao refletir sobre a contribuição das mulheres negras para a teoria feminista, hooks evidencia que as mulheres negras constituem um grupo que não foi socializado para assumir o papel de explorador/opressor, não lhe foi permitido ter institucionalizado “outros” que se pode explorar ou oprimir. Para a autora, mulheres brancas e homens negros podem ter as duas coisas, eles/as podem agir como opressor ou ser oprimido. Os homens negros podem ser vítimas do racismo, sexismo, mas lhe é permitido agir como exploradores e opressores da mulher. As mulheres brancas podem ser vítimas do sexismo, mas o racismo lhes permite agir como exploradores e opressores do povo negro. (HOOKS, 1995). A autora chama atenção que é essencial, para a continuidade da luta feminista, que se reconheça o ponto de vista das mulheres negras e que o feminismo negro atua a partir das lutas em que raça, classe e gênero enquanto fatores simultâneos de opressão para, a partir dessa perspectiva, criticar a hegemonia racista, sexista, classista, para que seja possível prever e criar uma contra-hegemonia. hooks acredita que as mulheres negras têm um papel central a



desempenhar na construção de uma teoria feminista, podendo oferecer uma contribuição única e valiosa.

Ao lado de Angela Davis, bell hooks, Patricia Hill Collins é apontada como uma das grandes referências norte-americana do feminismo negro. Nas suas reflexões sobre o tema, a autora lembra que a ação de mulheres negras mais conhecidas, como Sojourner Truth, Anna Julia Cooper, Ida Barnett, Fannie Hamer, tiveram suporte na ação de outras mulheres comuns que pensaram estratégias de resistências cotidianas, criando uma poderosa fundação para dar mais visibilidade a uma tradição ativista das feministas negras. Segundo Collins (1989), são as intelectuais feministas negras contemporâneas que têm se esforçado para identificar conceitos centrais para pensar o mundo a partir do ponto de vista da mulheres negras. Entretanto, questões epistemológicas e políticas têm influenciado a construção social do pensamento feminista negro. Tais como outros grupos subordinados, mulheres afro-americanas têm desenvolvido distintas interpretações da opressão de mulheres negras e têm feito isso através de caminhos alternativos de produção e validação do conhecimento delas mesmas.

Collins aponta uma longa tradição feminista entre as mulheres negras em torno de cinco aspectos fundamentais: 1) o legado de uma história de luta; 2) a natureza interligada de raça, gênero e classe; 3) combate aos estereótipos; 4) atuação como mães, professoras e líderes comunitárias; e 5) a política sexual. (BAIROS, 1995)

A autora considera como contribuição intelectual ao feminismo o conhecimento produzido por mulheres que pensaram suas experiências diárias como mães, professoras, escritoras, empregadas domésticas, militantes pelos direitos civis, cantoras e compositoras da música popular. Aponta que essa tradição intelectual é subjugada em função de critérios epistemológicos que negam a experiência como base legítima para a construção do conhecimento. Para esta autora, Feminismo negro é:

...um conjunto de experiências e idéias compartilhadas por mulheres afro-americanas que oferecem um ângulo particular de visão do eu, da comunidade e da sociedade, envolve interpretações teóricas da realidade de mulheres negras por aquelas que a vivem (COLLINS, apud BAIROS, 1995)

Segundo Collins, o ponto de vista das mulheres negras é definido a partir da opressão vivida por elas, ou seja a partir do lugar que ocupam na estrutura social. A experiência de ser mulher negra difere do que é ser mulher e de quem não é negro. A perspectiva do standpoint ou do ponto de vista, expressa que a realidade é construída com base na sua própria experiência, na experiência da opressão para resistir, possibilitando criar uma consciência independente, o que favorece o pensamento feminista negro. É com base nas ações do dominador que as mulheres negras



desenvolvem um ponto de vista próprio, calcado na experiência da opressão (no cotidiano) e numa atitude de resistência. Collins(1989) evidencia a interdependência do ponto de vista das mulheres negras e do pensamento feminista negro, níveis de conhecimento diferentes e interdependentes, uma espécie de teoria validando a prática e vice-versa. Esse primeiro nível de conhecimento é dado pelo cotidiano, garantindo conhecimento compartilhado pelo grupo e percebendo a realidade a partir do ponto de vista das mulheres negras. O segundo nível de conhecimento é representado pelo pensamento feminista negro, um conhecimento mais especializado fornecido por especialistas que fazem parte do grupo e expressam o ponto de vista do grupo. O pensamento feminista negro possibilita às mulheres negras diferentes visões de si mesmas, e do seu mundo, mais do que a oferecida pela ordem social estabelecida. Isso é feito com base na cultura e nas tradições das mulheres negras; assim, o pensamento feminista negro rearticula a consciência do que já existe. Ele oferece ferramentas de resistência para as subordinações vividas pelas mulheres afro-americanas. Segundo Collins, os grupos subordinados têm utilizado diferentes caminhos para criar uma consciência independente e rearticulá-la com base na opressão de si mesma.

A autora chama atenção que a tentativa de articular o ponto de vista das mulheres negras com o pensamento feminista negro pode ser suprimida pelo conhecimento controlado pelo homem branco, sobretudo quando exclui as mulheres negras da literatura básica, de experiências educacionais qualificadas, de faculdades e posições administrativas, limitando o acesso das mulheres negras para influenciar posicionamentos acadêmicos. As acadêmicas afro-americanas, que persistem em rearticular o ponto de vista das mulheres negras, têm seus conhecimentos rejeitados a partir de bases epistemológicas. Um caminho de exclusão da maioria das mulheres negras do processo de validação do conhecimento é permitir que poucas mulheres negras adquiram posições de autoridade em instituições que legitimam o conhecimento, encorajando-as a trabalhar a partir de pressupostos da inferioridade feminina negra compartilhada pela comunidade acadêmica e pela cultura como um todo. As que aceitam esses pressupostos são recompensadas com benefícios pessoais; as que não aceitam são colocadas à margem.

Para Collins, o conhecimento masculino eurocêntrico (que é de base positivista) critica a metodologia utilizada pelas feministas negras, afirmando que para seguir estritas regras metodológicas, cientistas devem distanciar-se dos seus valores, emoções, interesses de raça, classe, sexualidade para que possa manipular a natureza. As mulheres negras estão preocupadas em criar uma alternativa epistemológica, com método adequado para compreender a realidade.



Collins acredita que, como resultado do colonialismo, do imperialismo, da escravidão, do *apartheid*, e de outros sistemas de dominação racial, negros/as, compartilham uma experiência comum de opressão. Estas similaridades nas condições materiais têm fomentado compartilhar valores afrocêntricos permeados na estrutura familiar, instituições religiosas, na cultura e na vida comunitária de negros/as em várias partes da África, Caribe, América do Sul e América do Norte.

A idéia de experiência, então, revela-se como ponto de contato entre a perspectiva afrocêntrica e as análises feministas na epistemologia feminista afrocêntrica. Mulheres negras não compartilham da mesma forma a epistemologia feminista afrocêntrica, por conta das condições materiais, estruturadas pela classe social.

A experiência, enquanto sabedoria apresenta-se como um elemento importante para acessar o conhecimento, já que estabelece uma distinção importante entre conhecimento e sabedoria como algo fundamental para a sobrevivência das mulheres negras. Collins defende a idéia de experiências concretas usadas como critério de significado, de credibilidade para reivindicar conhecimento.

No contexto brasileiro, uma das maiores referências do feminismo negro é, sem dúvida alguma, a intelectual, militante, ativista, Lélia de Almeida Gonzalez. Uma das características da produção intelectual de Gonzalez foi o estudo das relações raciais relacionado a dimensão de gênero e também orientando-se pelos conceitos da psicanálise. Outra característica refere-se à contribuição qualitativa da autora, em sua militância no movimento negro brasileiro, em sempre enfatizar a importância das discussões de gênero. (BARRETO, 2005). A base do pensamento de Gonzalez é marcada por um conjunto de questões relacionadas às mulheres negras, que revelam aspectos simbólicos do racismo e sexismo da sociedade brasileira através da ideia de que as mulheres negras estão no planeta para servir. Tal concepção tem origem na etimologia do termo mucama e em textos históricos que dão conta do uso sexual a que as escravas domésticas eram submetidas. (BAIROS, 2000). No pensamento de Gonzalez, essas noções se expressam no debate sobre a escravidão, onde a autora analisa o papel da mãe preta na constituição da história do Brasil e na corriqueira representação da mulher negra como doméstica e mulata. O pensamento de Gonzalez evidencia, ainda, o exercício e liderança das mulheres negras nas religiões de matriz africana, nas escolas de samba, no movimento negro, das mulheres negras anônimas, pobres, como base das suas famílias. De um modo geral, é demonstrada na produção de Gonzalez a resistência, fortaleza das mulheres negras no processo social.

Conforme já apresentado anteriormente, a conexão teoria e prática é uma das dimensões importante do feminismo negro. Gonzalez também já fazia referência à importância dessa relação,



ao considerar que o aprofundamento do seu pensamento também foi mediado pela sua militância, e que a inter-relação entre ambas é parte importante no desenvolvimento do seu pensamento, além de também pontuar a sua própria condição de mulher negra como elemento importante para o desenvolvimento de suas idéias. (BARRETO, 2005)

Outro aspecto importante do pensamento de Gonzalez, para situarmos a conexão das dimensões de raça e gênero na sua obra, foi o conceito de *amefricanidade*. A autora constrói essa categoria para entender de forma mais ampla a experiência negra nas Américas. Ela chamava atenção que essa categoria devia ser pensada dentro das ideologias de libertação africanas e afro-diáspóricas, especialmente ligada ao movimento de pensadores negros terceiro-mundistas, a partir da década de 1950, preocupados em construir um conhecimento na periferia do capitalismo avançado. Tomando a figura de Nanny³, uma líder quilombola do oeste da Jamaica, como referência, Gonzalez enfatizou a importância das mulheres na construção da amefricanidade e na luta pela liberdade contra a escravidão e o colonialismo, tal como Zumbi no Brasil. (Idem, p.50). Na defesa por outros feminismos, Gonzalez engrossou as críticas ao feminismo enquanto teoria e prática, e marcou a bandeira da mulher negra para o movimento feminista.

Como foi possível observar, a partir da trajetória de Gonzalez (1980/88), e da produção de outras intelectuais negras feministas (CARNEIRO, 1993/95, BAIROS 1995, RIBEIRO, 1995, WERNECK, 2000, ROLAND 2000), as políticas de identidade têm sido uma prioridade no feminismo negro brasileiro, onde a identidade etnicorracial apresenta-se como um atributo positivo de diferenciação das feministas negras. Esse fato funcionou como uma ponte que conduziu as mulheres negras para a representação política no campo feminista. (MOREIRA, 2007)

Barreto (2005), Moreira (2007), Viana (2010) indicam que a relação das mulheres negras com o movimento feminista tem início a partir do ano de 1975, mas se estabelece com o III Encontro Feminista Latino-americano, ocorrido em Bertioga em 1985, consolidando-se entre as mulheres negras um discurso feminista, já que em décadas anteriores havia uma rejeição por parte de algumas mulheres negras em aceitar a identidade feminista. (MOREIRA, 2007)

De acordo com Carneiro (2003), é possível afirmar que um feminismo negro, construído no contexto de sociedades multirraciais, pluriculturais e racistas – como são as sociedades latino-americanas – tem como principal eixo articulador o racismo e seu impacto sobre as relações de gênero, uma vez que ele determina a própria hierarquia de gênero em nossas sociedades.

³ Sobre Nanny, Barreto (2005) afirma que existiriam polêmicas em consequência das narrativas que atribuem poderes sobrenaturais a ela, usados na luta contra os colonizadores ingleses.



Enegrecer o movimento feminista brasileiro tem significado, concretamente, demarcar e instituir na agenda do movimento de mulheres o peso que a questão racial tem na configuração, por exemplo, das políticas demográficas, na caracterização da questão da violência contra a mulher pela introdução do conceito de violência racial como aspecto determinante das formas de violência sofridas por metade da população feminina do país que não é branca; introduzir a discussão sobre as doenças étnicas/raciais ou as doenças com maior incidência sobre a população negra como questões fundamentais na formulação de políticas públicas na área de saúde; instituir a crítica aos mecanismos de seleção no mercado de trabalho como a “boa aparência”, que mantém as desigualdades e os privilégios entre as mulheres brancas e negras. (CARNEIRO 2003)

No feminismo negro brasileiro, as políticas afirmativas têm funcionado como instrumento para a formação de ONG's de mulheres negras, que subsidiam a formulação de políticas sociais voltadas para esse setor. É preciso pontuar que o entendimento do processo de “onguização” ou institucionalização do feminismo negro articula-se à dinâmica das negociações acerca da legitimidade representativa do sujeito feminista negro. O que está em pauta para essas ONGs é a participação no interior do campo feminista na condição de representantes de parcela das mulheres negras, em que as diferenças são tratadas como constituintes e organizadas em sistemáticas relações por meio dos discursos políticos, econômicos culturais de práticas institucionais. (MOREIRA 2007). Num primeiro momento o feminismo negro radicaliza sua posição da diferença em razão da sua condição racial e não de gênero em relação às feministas brancas, mas a irmandade das mulheres negras esfacela-se por dentro do próprio movimento, pois o gênero é marcado por diferentes categorizações ou por uma “myriad of economic, political and ideological precesses” (BRAH, 2006, citada por MOREIRA 2007).

Corroborando com a reflexão de Ribeiro (1995), de que há uma distância entre os espaços acadêmicos e os movimentos sociais, em que poucas mulheres negras encontram-se nos espaços acadêmicos, situação atualmente exacerbada pelo processo de onguização que marca o feminismo negro contemporâneo, neste cenário o processo de institucionalização do feminismo negro expôs as diferenças particulares que residem em qualquer agrupamento que advoga para si um discurso político unitário. O desafio para as mulheres feministas negras, asiáticas, brancas ou colonizadas, será pensar sobre qual subjetividade se construirá um projeto universal. (MOREIRA 2007)

Diante do exposto, as concepções teóricas do feminismo negro recolocam, no centro das discussões feministas, a persistente dicotomia entre igualdade e diferença e, mais contemporaneamente, a questão das diferenças na diferença. As proposições do feminismo negro e do pensamento feminista negro têm forçado a teoria feminista a aprofundar suas análises sobre a discussão racial e sobre outros modos de diferenças em relação à sua produção teórica e prática.



REFERÊNCIAS

- BAIROS, Luíza. Nossos Feminismos Revisitados. In: **Dossiê Mulheres Negras** – Matilde Ribeiro (org). Revista Estudos Feministas, Florianópolis/SC, CFH/CCE/UFSC, v.3 n. 3, 1995, pp.458-463.
- _____. Lembrando Lélia Gonzalez. In: WERNECK, Jurema; OUTRAS. **Livro da Saúde das mulheres Negras**. Rio de Janeiro: Pallas e Crioula, 2000. p. 42-61.
- BARRETO, Raquel de Andrade. **Enegrecendo o Feminismo ou Feminizando a Raça: Narrativas de Libertação em Angela Davis e Lélia Gonzalez**. 2005. 1 v. Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, Unicamp-campinas, n. 26, p.329-376, 2006. Semestral.
- CALDWELL, Kia Lilly. A institucionalização de estudos sobre a mulher: Perspectivas dos Estados Unidos e do Brasil. **Revista da Abpn: experiências de mulheres negras na produção do conhecimento**. Brasília, v. 1, n. 1, p.18-27, 2010. Qudrimestral.
- CARNEIRO, Sueli. **Identidade Feminina**. Cadernos Geledés. São Paulo, nº 4 [Mulher Negra], p.1-6.1993
- _____. Gênero, raça e ascensão social. **Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p.544-552, 1995.
- _____. Mulheres em Movimento. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 49, n. 17, p.117-132, 2003. Qudrimestral.
- COLLINS, Patricia Hill. The Social Construction of Black Feminist Thought. In: JSTOR. **Common Grounds and Crossroads: Race, Ethnicity, and Class in Women's Lives**. 4. ed. Chicago: The University Of Chicago Press, 1989. p. 745-773.
- _____. **From Black Power to Hip Hop: Racism, Nationalism and Feminism**. Philadelphia: Temple University Press, 2006.
- DAVIS, Angela. Reflections on the black woman's role in the community of slaves. In: SHEFTALL, Beverly Guy. **Words of Fire: An anthology of African-American Feminist Thought**. New York: The New Press, 1995. p. 200-218
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. In: IV Encontro Anual da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. 1980, Rio de Janeiro. **Grupo de trabalho Temas e Problemas da População Negra no Brasil**. Rio de Janeiro: ANPOCS, 1980. p. 223 - 245.
- hooks, bell. **Talking Back: Thinking Feminist, Thinking Black**. Boston, Ma: South End Press, 1989.
- _____. Intelectuais Negras. **Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p.464-478, 1995.
- _____. Black Women: Shaping Feminist Theory. In: SHEFTALL, Beverly Guy. **Words of Fire: An anthology of African-American Feminist Thought**. New York: The New Press, 1995. p. 269-282.



MOREIRA, Núbia Regina. **O FEMINISMO NEGRO BRASILEIRO: um estudo do movimento de mulheres negras no Rio de Janeiro e São Paulo.** 2007. 120 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Sociologia, Departamento de Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, 2007

RIBEIRO, Matilde. Mulheres Negras Brasileiras: De Bertioga a Beijing. **Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p.446-457, 1995a. Semestral.

_____ **Tornar-se negra.** Instituto Cajamar, nov/1995b.

ROLAND, Edna. O movimento de mulheres negras brasileiras: desafios e perspectivas. In: GUIMARÃES, Antonio Sergio Alfredo; HUNTLEY, Lynn. **Tirando a máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil**. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 434.

SILVA, Tatiana Raquel Reis; BARBOSA, Viviane de Oliveira. Repensando os feminismos negro brasileiro e norte americano. In: XIV SIMPÓSIO BAIANO DE PESQUISADORAS (ES) SOBRE MULHER E RELAÇÕES DE GÊNERO. 2008, Salvador-ba. **GT Gênero, Raça e Etnia.** Salvador: UFBA, 2008. p. 93-106.

VIANA, Elisabeth do Espírito Santo. Lelia Gonzalez e outras mulheres: Pensamento feminista negro, antirracismo e antissexismo. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros: experiências de mulheres negras na produção do conhecimento**, Brasília, v. 1, n. 1, p.52-63, mar./jun. 2010. Qudrimestral.